

VIAJAR NA IDADE MÉDIA : ATRAVÉS DA PENÍNSULA EM MEADOS DO SÉCULO XIV

por
IRIA GONÇALVES

Não obstante a deficiência dos transportes e a má qualidade das estradas medievais, os homens deslocavam-se naquelas épocas com muito mais frequência do que inadvertidamente se poderia julgar e do que até há algum tempo se pensou. Hoje sabemos que o homem medieval viajava bastante, por necessidade ou por prazer e que sobretudo os últimos séculos da Idade Média foram um período de grande mobilidade populacional.

É certo que em grande medida essa mobilidade visava uma deslocação definitiva ¹, com mudança de domicílio de antemão projectada ², mas há ainda uma margem muito larga para as deslocações a mais ou menos curto prazo e a mais ou menos longa distância, desde as que podiam demorar anos e cobrir alguns milhares de quilómetros ³ — abstraindo embora as gran-

¹ Jacques Le Goff considera este movimento de populações que se verificava em direcção às cidades e que tão largo incremento tomou a partir de meados do século XIV, como «un des phénomènes majeurs de la Chrétienté» (*La civilisation de l'Occident médiéval*, Paris, 1972, p. 106).

² De uma maneira geral o homem da Idade Média não tinha ainda atingido aquele grau de sedentaridade que a civilização e o acréscimo de bens materiais posteriormente desenvolveram. Era-lhe por isso relati-

des viagens por mar, de que a Idade Média nos legou tão vigorosos exemplos — até às pequenas jornadas realizadas por homens que se deslocavam a pé.

Na verdade a Idade Média conheceu muito numerosos viajantes, de todas as camadas sociais e com as mais variadas possibilidades económicas, viajando das mais diversas maneiras: sós — apenas sobre curtos percursos — ou acompanhados; caminhando a pé ou transportando-se em montadas — desde a possante e pouco apressada mula do prelado ao corcel fegoso do correio real que teria de transportar notícias importantes no mais curto espaço de tempo⁴ — ou até em algum veículo; com luzido aparato ou vestindo andrajos de pedinte. Porque diferentes eram os motivos que os levavam a viajar. Eram os mercadores que se deslocavam de feira em feira para expor

vamente fácil mudar de domicílio, transportando com ele o que lhe pertencia (Vid. A. de Sousa Silva Costa Lobo, *Historia da sociedade em Portugal no seculo XV*, Lisboa, 1903, pp. 23-24; Jacques Heers, *L'Occident aux XIV^e et XV^e siècles. Aspects économiques et sociaux*, 2.^a ed., Paris, 1966, p. 230; Id., *Gênes au XV^e siècle. Civilisation méditerranéenne, grand capitalisme et capitalisme populaire*, Paris, 1971, pp. 48-49).

³ Não podiam, naturalmente, ser muito numerosas estas viagens. Eram, em regra, realizadas por grandes senhores — como a tão falada viagem do infante D. Pedro através da Europa — e o viajante deslocava-se sempre acompanhado de uma comitiva mais ou menos numerosa mas sempre grande, ocasionando gastos tão vultosos que só pessoas de fartos recursos económicos as podiam empreender. Muitas delas eram viagens aventurosas que se prolongavam por vários anos e eram empreendidas por filhos de grandes senhores, que se faziam em geral acompanhar pelos filhos dos vassallos de seus pais. (Sobre estas viagens vid. o tão interessante artigo de Georges Duby, «Les 'jeunes' dans la société aristocratique dans la France du Nord-Ouest au XII^e siècle», *Hommes et structures du Moyen Age*, Paris-La Haye, 1973, pp. 213-225).

Também mercadores, homens da Igreja, peregrinos, empreendiam bem longas viagens.

⁴ Sobre as velocidades atingidas por estes correios, velocidades por vezes surpreendentes, vid. Yves Renouard, «Information et transmission des nouvelles», *L'Histoire et ses méthodes*, dirig. por Charles Samaran, Bruges, 1961, pp. 113-114.

os seus produtos e todos aqueles que a elas afluíam para comprar ou vender ou para fazer ambas as coisas; eram os senhores que percorriam os seus domínios para os inspeccionar, para administrar justiça, para cuidar das rendas, para caçar; eram os pobres que viviam de esmolas — a nossa documentação chama a estes indivíduos os «pedintes andantes» — que descansavam e pernoitavam nas numerosas albergarias e hospitais existentes, mas onde não podiam demorar-se, tendo, por isso, de se transferir constantemente de umas para outras; eram os prelados que se deslocavam pela diocese, fazendo a visita canónica às suas igrejas; eram os almocreves no desempenho da sua profissão, constantemente em marcha; eram os peregrinos dirigindo-se a Jerusalém, a Roma, a Santiago de Compostela, mas visitando, na sua passagem, à custa de mais ou menos desvios outros santuários menores; eram os diplomatas, os embaixadores, no desempenho de missões, por vezes bem delicadas; eram os oficiais de justiça, desde o corregedor ao meirinho, cada um fazendo o circuito da respectiva circunscrição e todos aqueles que essa mesma justiça fazia movimentar, por sua própria iniciativa ou por ela pressionados; eram tantos e tantos outros, mas acima de todos o rei, com a sua corte itinerante, a percorrer constantemente o país, com paragens mais ou menos prolongadas — por vezes de alguns meses — nas cidades mais importantes ou da sua particular simpatia⁵.

Muitos viajantes de longas distâncias nos deixaram relatos mais ou menos circunstanciados dos seus percursos, sobretudo quando viajavam por terras estranhas, onde muitas coisas, curiosas a seus olhos, lhes despertavam o desejo de as anotar. São-nos assim conhecidos bastantes itinerários, com indicações

⁵ Susana della Torre, a propósito do rei e suas viagens, fala «en sus largas andanzas de soberano trashumante» («Noticias de viajes en la España cristiana medieval (siglos X a XIII)», *Cuadernos de Historia de España*, vol. XII, 1949, p. 77).

de vária ordem sobre os caminhos seguidos ⁶. Conhecem-se ainda outros tipos de itinerários, como os escritos para servirem de orientação aos viajantes, indicando as estradas a preferir, os locais de paragem com maiores possibilidades de acolhimento, etc. É o caso dos manuais do viajante e dos guias do peregrino ⁷, de que o de Santiago de Compostela ⁸, incluído no chamado *Liber Sancti Jacobi* ⁹ é um conhecido exemplar.

Como sublinhou Yves Renouard ¹⁰, esses textos, embora elucidem sobre as estradas mais importantes, nada nos dizem acerca da velocidade das deslocações e até, muitas vezes, sobre os locais que, efectivamente, constituíram etapas de marcha. Não assim, como os que aquele historiador analisou ¹¹, um outro que servirá de base às notas que me proponho apresentar e que é constituído por uma relação das despesas efectuadas por uma embaixada que da Navarra, partindo de Estella, se dirigiu a Sevilha ¹², a fim de se avistar com Pedro I de Castela, no verão de 1352.

⁶ Vários desses relatos referem-se à Península Ibérica. Podem ser consultados na compilação de García Mercadal, *Viajes de extranjeros por España y Portugal desde los tiempos mas remotos, hasta fines del siglo XVI*, Madrid, 1952.

⁷ Yves Renouard, «Routes, étapes et vitesse de marche de France à Rome au XIII^e et au XIV^e siècle d'après les itinéraires d'Eudes Rigaud (1254) et de Barthélemy Bonis (1350)», *Études d'Histoire Médiévale*, vol. II, Paris, 1968, p. 677.

⁸ Foi editado pela primeira vez por Jeanne Vieillard, *Les Guides du Pèlerin de Saint-Jacques-de-Compostelle*, Bordeus, 1938.

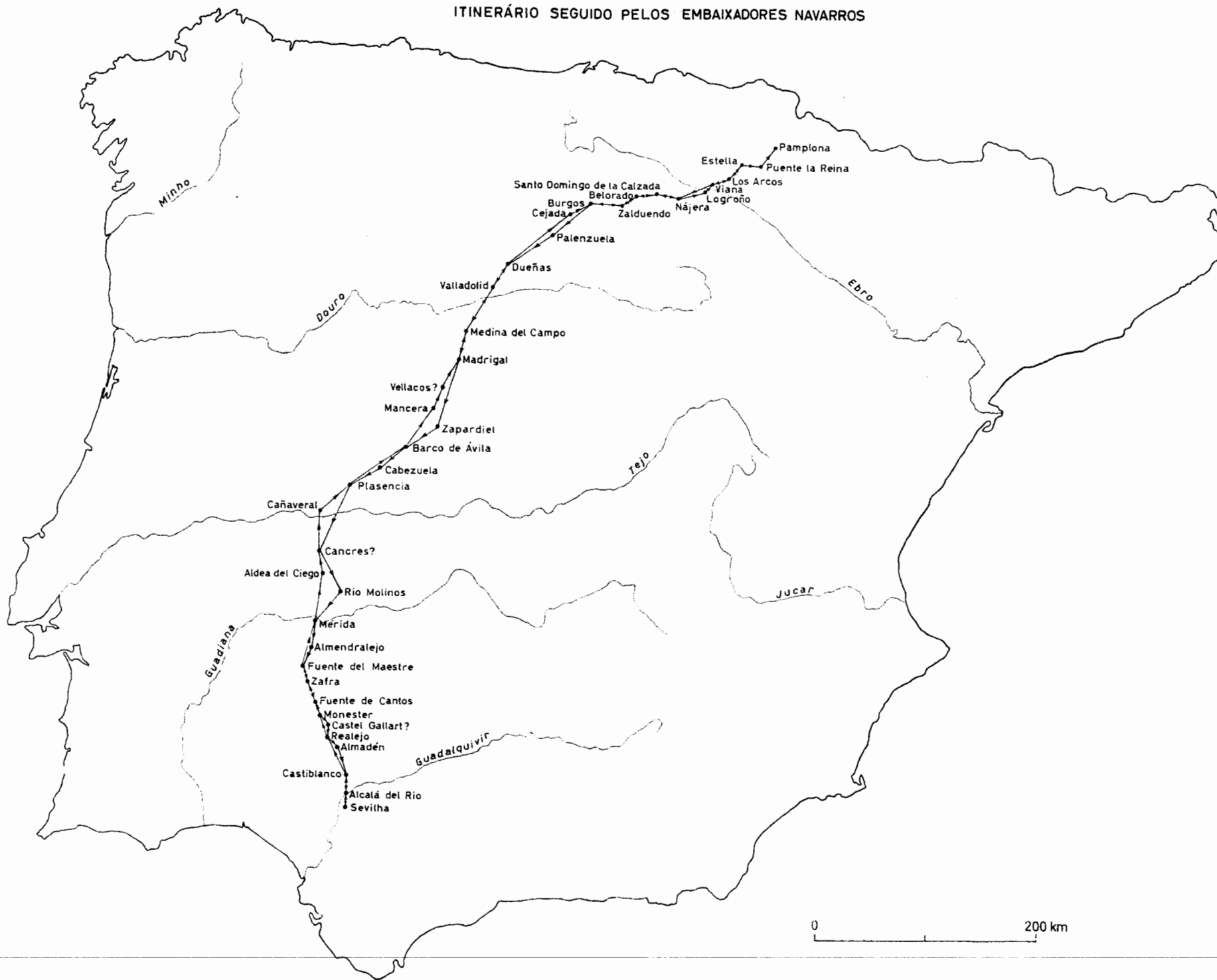
⁹ Sobre este livro e sua composição são de grande interesse os trabalhos do Padre Pierre David, «Études sur le livre de Saint Jacques attribué au Pape Calixte II», *Bulletin des études portugaises*, vol. IX a XII, 1942 a 1949.

¹⁰ Ob. cit., pp. 679-680.

¹¹ Ib., pp. 677-697.

¹² Foi essa relação publicada por M.^a Desamparados Sánchez Villar com o título de: *Desde Estella a Sevilla: cuentas de un viaje (1352)*, Valência, 1952 (que passará a ser citado, abreviadamente, por: *Desde Estella a Sevilla*). O documento é de uma grande riqueza de elementos e a pequeníssima introdução que o precede deixa-os compeltamente inexplorados.

ITINERÁRIO SEGUIDO PELOS EMBAIXADORES NAVARROS



A embaixada navarra foi cometida pelo infante D. Luís, regente durante a ausência de seu irmão, Carlos II o Mau, em França ¹³, a dois grandes senhores: Pedro Álvarez de Rada ¹⁴ e Gil García de Aniz ¹⁵ que, acompanhados por luzida comitiva ¹⁶, se encontraram em Estella numa segunda-feira, dia 23 de Maio, aí se demorando durante alguns dias, até serem providos do dinheiro necessário para a viagem ¹⁷.

¹³ Carlos II da Navarra deslocara-se nesta data a França para se casar com a princesa Joana, filha de João II o Bom (Juan Feglá Campistol, «Navarra. Reinados de Carlos II el Malo (1332-1387) y Carlos III el Noble (1361-1425)», *História de España*, dirig. por Ramón Menéndez Pidal, t. XIV: *España cristiana. Crisis de la Reconquista. Luchas civiles*, Madrid, 1966, p. 405).

¹⁴ Voltou ainda a ser enviado como plenipotenciário do mesmo infante D. Luís, em 1357, para concertar tréguas com Pedro I de Castela (ib., p. 48) e como enviado de Carlos II, em 1371, desta vez na companhia de Juan Cruzat, deão de Tudela e de mestre Pedro de Rosas a Burgos, onde se concluiu um acordo sobre algumas praças fronteiriças, objecto de litígio entre Castela e Navarra (Luís Suárez Fernández, «Castilla (1350-1406)», *História de España*, dirig. por Ramón Menéndez Pidal, t. XIV, p. 17).

¹⁵ Gil García de Aniz era senhor de Otazu. Foi também procurador de Carlos II, em 1364, nas negociações do tratado de Castelfabib, onde foram firmadas as pazes entre a Navarra e a Castela. Teve como companheiro García Martínez de Peralta (ib., p. 92 e Juan Reglá Campistol, ob. cit., p. 409).

¹⁶ Diz-nos o documento que eles se faziam acompanhar por dez homens de cavalo e seis de pé, além de dez moços (*Desde Estella a Sevilla*, p. 9). Adiante voltarei a falar nesta comitiva e nas dúvidas que a sua composição suscita.

¹⁷ Ib., p. 9.

Saíram de Estella a 26 de Maio, tendo chegado a Sevilha a 9 de Junho¹⁸ de manhã¹⁹. Aí permaneceram durante todo um mês²⁰ e a 8 de Julho iniciaram o caminho de regresso, caminho que viria a terminar em Pamplona, a 24 do mesmo mês.

Todas as despesas feitas durante aqueles dois meses foram minuciosamente anotadas, dia a dia, com a expressa menção da data e do local onde se encontravam. Durante ambos os percursos — de ida e volta — nunca se esqueceram de indicar a povoação de onde partiam, logo de manhã, aquela em que paravam para jantar e a seguinte, onde ceavam e dormiam²¹. Até mesmo durante o mês de permanência em Sevilha, todos os dias iniciavam as contas com a menção de que aí se encontravam — «fincamos en Sevilla»²². Do mesmo modo, antes de

¹⁸ O documento indica o dia 10 de Junho como o da chegada a Sevilha (ib., p. 31). Trata-se no entanto de erro de datação, que abrange todo o mês. Após as contas referentes a 30 de Maio foram anotadas as de 1 de Junho (ib., pp. 18-19) que correspondiam, na realidade às de 31 de Maio. Na sua sequência vem todo o mês de Junho com um dia de avanço. A este é que foi atribuído mais um dia, contando-se um «prostremero» após a data de 30 (ib., p. 55).

¹⁹ Chegaram antes de jantar, após uma breve etapa de dez quilómetros, desde Alcalá del Rio, onde haviam pernoitado (ib., p. 31).

²⁰ Talvez esperando avistar-se com Pedro I, com quem, por fim, não devem ter-se encontrado. O soberano de Castela encontrava-se por aquela altura nas Astúrias, em guerra com seu irmão Henrique e daí seguiu em direcção à fronteira aragonesa, levado pela notícia de que seu outro irmão, Telo, o Mestre de Santiago, acabara de prestar homenagem a Pedro IV o Cerimonioso, de Aragão (Luís Suárez Fernández, ob. cit., p. 17).

²¹ Tomemos como exemplo um qualquer dia: «Item lunes sigüient 30 dias de mayo partimos de Duenyas et fuemos a comer a Valladolid». Seguem-se as contas referentes ao jantar, à ração dos animais e a outras despesas então feitas, após o que se acrescenta: «Item fuemos a yaçer a Medina del Canpo». Anotados os gastos com a ceia e quaisquer outros mais, incluindo a dormida, termina o registo com a soma: «Suma çient et cinquanta 6 maravedis, 4 dineros» (*Desde Estella a Sevilla*, pp. 18-19). Este esquema nunca se altera.

²² Ib., pp. 32-64.

começarem a jornada, durante os dias que permaneceram em Estella ²³ ou após terem-na terminado, em Pamplona ²⁴, iniciavam com a mesma expressão o registo das respectivas contas. Também na viagem de regresso, em ocasiões em que não fizeram as habituais duas etapas, da manhã e da tarde, mas apenas uma, o facto ficou anotado ²⁵.

Temos assim a indicação exacta de todos os lugares de paragem, apenas para tomar alimentos ou também para dormir, o que nos dá, com o itinerário seguido, a velocidade com que o percorreram.

Vejamos como se escalonaram esses lugares, ao longo de ambos os percursos ²⁶ e as distâncias entre eles.

²³ Ib., pp. 11-12.

²⁴ Ib., pp. 84-86.

²⁵ «Item sabado sigüient ... fincamos en Valladolid a yantar» (ib., p. 74); «Item martes sigüient ... fincamos a yantar en Burgos» (ib., p. 77).

²⁶ Vid. mapa junto.

VIAGEM DE REGRESSO

Data	LOCAIS DE PARAGEM			Distância aproximada entre as paragens (Km)
	Começo da jornada	Paragem para jantar	Local de dormida	
8 de Julho	Sevilha	Castiblanco	Realejo	27+40= 67
9 » »	Realejo	Fuente de Cantos	Fuente del Maestre	45+38= 83
10 » »	Fuente del Maestre	Mérida	Aldea del Ciego	46+46= 92
11 » »	Aldea del Ciego	Cancres	Cañaverál	20+45= 65
12 » »	Cañaverál	Plazencia	Barco de Ávila	40+69=109
13 » »	Barco de Ávila	Mancera	Vellacos	76+16= 86
14 » »	Vellacos	Madrigal	Medina del Campo	19+24= 43
15 » »	Medina del Campo	Valladolid (27)	—	42 — = 42
16 » »	—	Valladolid (28)	—	— 31 = 31
17 » »	Dueñas	Palenzuela	Dueñas	40+20= 60
18 » »	Celada	Burgos (29)	Celada	23 — = 23
19 » »	—	Burgos (30)	—	— 22 = 22
20 » »	Zalduendo	Belorado	Zalduendo	27+22= 49
21 » »	St.º Domingo de la Calzada	Nájera	St.º Domingo de la Calzada	27+27= 47
22 » »	Logroño	Viana	Logroño	9+19= 28
23 » »	Los Arcos	Estella	Los Arcos	19+20= 39
24 » »	Puente de la Reina	Pamplona	Puente de la Reina	23 — = 23

VIAGEM DE IDA

Data	LOCAIS DE PARAGEM			Distância aproximada entre as paragens (Km)
	Comço da jornada	Paragem para jantar	Local de dormida	
26 de Maio	Estella	Los Arcos	Viana	19+19= 38
27 » »	Viana	Nájera	Belorado	36+42= 78
28 » »	Belorado	Zalduendo	Burgos	27+22= 49
29 » »	Burgos	Palenzuela	Dueñas	43+40= 83
30 » »	Dueñas	Valladolid	Medina del Campo	31+42= 73
31 » »	Medina del Campo	Madrigal	Zapardiel	24+80=104
1 de Junho	Zapardiel	Barco de Avila	Cabezuela	26+36= 62
2 » »	Cabezuela	Plazencia	Cancres	33+67=100
3 » »	Cancres	Rio de Molinos	Merida	36+37= 73
4 » »	Merida	Almendralejo	Fuente del Maestre	29+17= 46
5 » »	Fuente del Maestre	Zafra	Fuente de Cantos	14+24= 38
6 » »	Fuente de Cantos	Monesterio	Castel Gallart	20+10= 30
7 » »	Castel Gallart	Realejo	Almadén	15+13= 28
8 » »	Almadén	Castiblanco	Alcalá del Rio	27+17= 44
9 » »	Alcalá del Rio	Sevilha	—	10— 10

Como já foi dito, todas as despesas eram diariamente anotadas com grande pormenor. Subsidiados pelo erário régio ⁴⁹, teriam, no regresso, que prestar as respectivas contas.

De imediato se destacam, entre as despesas correntes ⁵⁰, três grandes grupos: a alimentação humana, a alimentação animal e o alojamento.

O mais importante é, como seria de esperar, constituído pela alimentação dos homens ⁵¹ — 59,6 % do total — enquanto a das montadas ficou próximo dos 27 % e com o alojamento gastaram 7,5 %. O restante dinheiro foi dispendido uma pequena parte em variadas despesas correntes e uma outra, também pequena embora um pouco maior, em alguns gastos extraordinários ⁵² como a contratação da escolta próximo de Albuquerque e a que já atrás foi feita referência ⁵³ ou dádivas aos porteiros do rei e de outros senhores, em Sevilha ⁵⁴.

Como já anteriormente tinha notado, ao tratar das despesas alimentares ⁵⁵, os gastos diários variavam bastante, em função, principalmente, do local onde eram realizados. As oscilações mais acentuadas notaram-se na alimentação dos homens mas,

a Aldea del Ciego (que a editora do documento identifica com Aldea del Cano (ib., p. 89), com escala em Mérida, 84; entre Cañaveral e El Barco de Ávila, com passagem por Plazencia, 92; de Medina para Madrigal e daí para Zapardiel, quase 100 quilómetros.

⁴⁹ Reunido o grupo em Estella, requereram «con el mandamiento que tenian del dicto yfant el del tesorero al abat de Aroniz que les livrase de 300 florines que les devia dar por mandamiento de los sobredictos para yr en la dicta mandaderia» (ib., p. 9).

⁵⁰ Só não considero despesas correntes algumas dádivas que fizeram.

⁵¹ Foi já anteriormente tratado por mim, em artigo intitulado «Acerca da alimentação medieval», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, IV série, n.º 2, 1978, pp. 441-458.

⁵² Vid. o gráfico respectivo.

⁵³ Deram-lhe quinze escudos velhos (*Desde Estella a Sevilla*, p. 23).

⁵⁴ Com quem dispenderam seis florins (ib., p. 60).

⁵⁵ Vid. artigo citado na nota 51.

Temos assim dois percursos de aproximadamente 856 e 909 quilómetros, feitos, respectivamente, em quinze e dezassete dias, o que corresponde a uma média de 57 quilómetros de Estella a Sevilha e de 53,5 daí a Pamplona. Médias aproximadas das que têm sido encontradas para outros itinerários e consideradas aceitáveis para «des chevaliers bien montés, à la foi désireux de ne pas épuiser leurs bêtes et de ne pas perdre de temps», na opinião de Yves Renouard³¹. Seriam estas mesmas, as condições dos viajantes navarros?

A este respeito surgem, no texto em análise, algumas dificuldades. Em primeiro lugar a grande desigualdade das etapas. Essa desigualdade foi, é certo, constatada por todos aqueles que têm estudado o assunto³², mas nenhum verificou caminhos tão longos percorridos em um só dia, ou em meio dia. Extensões de 92, 100 e até 104 e 109 quilómetros andados numa só jornada³³, ou 70, 80 entre duas refeições, antes ou após o percurso de alguns mais é, na verdade, demasiado. Sobretudo

²⁷ Tomaram as duas refeições em Valladolid, para o que compraram logo «pan por todo el día» e também cevada. O vinho, pelo contrário, foi anotado em verbas separadas: «vino pora yantar», «vino pora çena» (*Desde Estella a Sevilla*, pp. 73-74). Ficaram, pois, toda aquela tarde a descansar.

²⁸ Vid. nota 25.

²⁹ Como em Valladolid, também em Burgos o registo das despesas indica verbas separadas para as duas refeições: «vino pora yantar», «vino pora çena», «un par de pollos pora çena» (*Desde Estella a Sevilla*, p. 77).

³⁰ Vid. nota 25.

³¹ Ob. cit., p. 695.

³² Vid. especialmente Yves Renouard, ob. cit., pp. 682-685 e 693-694.

³³ Valentín Vázquez de Parga («Itinerarios y relatos de viajeros», *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. I, Madrid, 1948, pp. 212-214) e José María Lacarra («Desde Estella a Najera», ib., t. II, Madrid, 1949, p. 133) encontraram, a partir do *Liber Sancti Jacobi*, etapas de 76 e 90 quilómetros aconselhadas aos peregrinos, sobre este mesmo caminho que percorreram os embaixadores da Navarra. Aqueles autores consideram-nas excessivas, aventando que os peregrinos as dividiriam. Os navarros, porém, sabemos que não o fizeram.

se pensarmos que não houve ou quase não houve períodos de descanso, excepto os absolutamente necessários para tomar as refeições e dormir. O facto de verificarmos que a maior parte desses percursos se efectuaram na planura ³⁴, só muito ligeiramente atenua o excessivo dos números. Também a época do ano, aquela em que os dias são maiores e permitiam, portanto, um grande número de horas sobre a estrada, os não explica. No entanto, aquelas distâncias são um facto.

A par destas, outras bastante pequenas. É certo que nem sempre as lonjuras percorridas podiam ser em absoluto controladas pelos viajantes, que precisariam, antes de mais, de assegurar o acolhimento necessário, que nem todos os povoados estavam em condições de fornecer-lhes. Por isso, algumas vezes, a extensão da caminhada estava dependente desse facto.

Entre Burgos e Pamplona seguiram o caminho de Santiago que, porque muito percorrido, assegurava, em numerosos locais, boas condições de alojamento e alimentação. Aí, a maior distância percorrida numa só jornada, em ambas as direcções, foi de 78 quilómetros desde Viana a Belroado, talvez porque, tendo parado antes em Santo Domingo de la Calzada, onde merendaram ³⁵, tivessem encontrado já ocupados os alojamentos que queriam ou tivessem considerado ser ainda cedo e poderem continuar um pouco mais para diante.

De Burgos até Medina as distâncias foram todas muito grandes: uma extensão de 495 quilómetros coberta em seis dias, portanto a uma média de 82,5 por jornada ³⁶. Daí em diante etapas pequenas, até de 28 e 30 quilómetros. A última noite

³⁴ Vid. o mapa junto.

³⁵ Depois das despesas feitas em Viana diz-se: «Item fuemos a Santo Domingo de la Calçada a dormir en ese dia», após o que foram anotadas algumas verbas referentes a pão, vinho, cevada e «casa». Comeram os homens e os animais e «fuemos este dia mesmo a yaçer a Bilforado» (*Desde Estella a Sevilla*, p. 14).

³⁶ Parece realmente excessivo. Mas as distâncias aí estão, ainda hoje.

de viagem foi, inclusive, passada a 10 quilómetros de Sevilha. Talvez o cansaço da viagem, que se aproximava do fim. Talvez o saberem já que não encontrariam o rei de Castela em Sevilha ³⁷, pelo que não necessitariam de se apressar.

No regresso já aquele troço de caminho foi andada com muito mais velocidade: a primeira jornada, de Sevilha a Realejo, tinha precisado anteriormente, de dois dias inteiros; a segunda, daí a Fuente del Maestro, de dois e meio; metade da terceira, de Fuente del Maestro a Mérida necessitara, um mês antes, de todo um dia ³⁸.

O troço médio do percurso foi porém vencido com muito mais lentidão, sobretudo desde Medina a Zalduendo. Verificaram-se aí os únicos períodos de descanso que tomaram, motivados pela doença que acometera Gil García ³⁹. Tanto em Valladolid como em Burgos permaneceram vinte e quatro horas em atenção ao enfermo, mas não houve nenhum dia inteiro de completo repouso.

Entrados de novo no caminho de Santiago, as etapas continuaram-se não muito longas, até final da jornada. A região, muito acidentada, não permitia caminhadas muito extensas.

Uma outra grande dificuldade é a repetida menção a «hombres de pie» ⁴⁰, em oposição a «hombres de mulas» ⁴¹, que nos levaria a pensar ser a embaixada constituída por dois grupos de homens com diferentes meios de locomoção, mas que se deslocariam, se não com a mesma velocidade horária,

³⁷ Vid. nota 20.

³⁸ Vid. os quadros indicativos das distâncias percorridas.

³⁹ A justificar esses períodos de descanso anotou o escriba: «Item sabado sigüent 16 dias de julio fincamos en Valladolid a yantar por raçon que Gil Garcia era doliente» (*Desde Estella a Sevilla*, p. 74) e três dias depois: «Item martes sigüent 19 dias de julio fincamos a yantar en Burgos por raçon que no podie cavalgar Gil Garcia» (ib., p. 77).

⁴⁰ Ib., pp. 9, 17, 19, 22.

⁴¹ Ib., p. 9.

pelo menos percorrendo diariamente o mesmo número de quilómetros.

Seria impraticável uma tão longa viagem nestes moldes ⁴². Não podemos, por outro lado, pensar que a embaixada se dividia, até porque se vai fazendo referência aos «homens de pé» ao longo do percurso. Além disso numa Península em que, na altura, várias facções se degladiavam ⁴³, era necessário viajar em grupos grandes, coesos e bem armados para fazer face a eventuais ataques de guerrilhas. A missão navarra era composta por vinte e oito homens e apesar disso, quando seguiam próximo de Albuquerque, em direcção ao Sul, tiveram de contratar uma escolta de homens com um guia, que os acompanhou durante algum tempo ⁴⁴.

Como poderemos, pois, interpretar as expressões «homens de pé», «os de pé»? Como uma indicação da sua categoria social — de peões, no sentido que a documentação medieval portuguesa também lhes dá, mas independente do seu modo de locomoção do momento? Na verdade não é lógico pensar que homens sem montada poderiam fazer marchas de mais de cem quilómetros num só dia e durante quinze dias, sem um só de

⁴² A propósito de uma sugestão deste tipo, o mesmo Yves Renouard, independentemente de qualquer outra consideração além do facto em si, afasta-a sem mais, pois «un tel groupe éut été bien peu homogène» (ob. cit., p. 693).

⁴³ Na *História de España* dirig. por Ramón Menéndez Pidal, sobretudo na colaboração de Luís Suárez Fernández e Juan Reglá Campistol, inserta no vol. XIV e que atrás foi citada, tratam-se estes conflitos com bastante desenvolvimento.

⁴⁴ No termo correspondente ao dia 3 de Junho diz-se: «partiemos de Cancre et levamos con nos 8 hombres a cavallo por guia, por raçon que los del castiello de Alboquerc robavan et havian muerto en el dia dantes 11 hombres de la dicta villa», guia que, com «sus hocho de cavallo ... nos acompanyo ata la villa del Almendralejo» (*Desde Estella a Sevilla*, p. 23). Isto é, até ao dia seguinte, à hora de jantar (ib., p. 24).

repouso, fazer uma média de 57 quilómetros. Em dias grandes, mas sob o sol escaldante de Junho e Julho ⁴⁵.

Mas uma outra dificuldade surge ainda: a cevada comprada para os animais, partindo das indicações fornecidas pelo próprio documento — preço do celamim, ração de cada uma das montadas e gasto total — corresponde ao alimento de onze ou doze animais, quando muito treze ⁴⁶, número que a mesma fonte parece inculcar: dez homens montados — a que se juntam, naturalmente, os dois embaixadores — e uma azémola ⁴⁷. Ficam de fora os seis homens de pé e os dez moços. Que pagariam, eles próprios, a alimentação dos seus cavalos e por isso ela se não encontra contabilizada? Hipótese talvez não muito viável mas a considerar perante um facto incontroverso: a grande distância entre algumas das povoações de escala, que não pode ser diminuída porque até em linha recta — e eles não poderiam fazer o percurso a corta-mato — é demasiado grande ⁴⁸.

⁴⁵ No entanto, e por incrível que pareça, quando demandavam Sevilha, no dia em que jantaram em Palenzuela, e em que fizeram uma etapa de 83 quilómetros, depois das despesas aí feitas com aquela refeição, gastaram mais três maravedis em vinho «pora quando se echavon a dormir» (ib., pp. 16-17). Dá a impressãd de que tiveram ainda tempo para uma sesta, depois de jantar. Talvez tivessem preferido cavalgar algumas horas durante a noite, aproveitando a sua frescura.

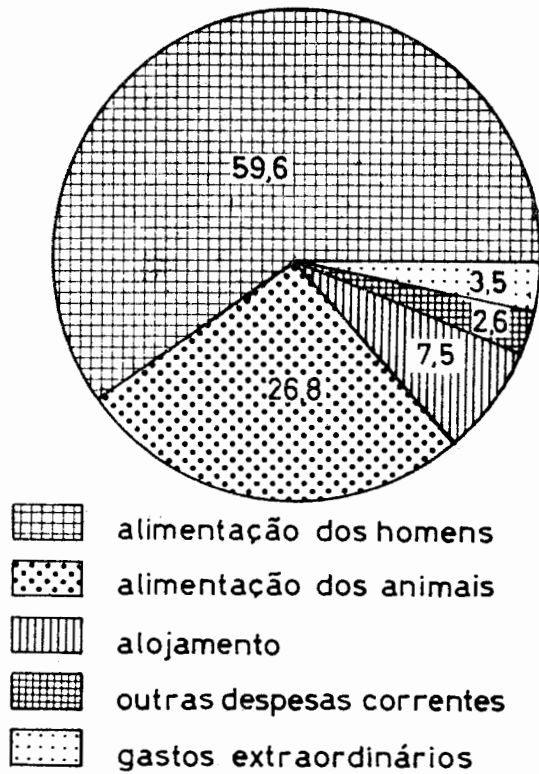
⁴⁶ Alguns exemplos bastarão. No dia 27 de Maio, em Santo Domingo de la Calzada, «diemos a la noche çevada cada dos çelemines et medio a cada bestia que valie el celemín a 9 dineros, de que monta 26 maravedis et 4 dineros» (ib., p. 14), o que corresponde ao alimento de onze ou doze animais; no dia 4 de Junho, em Fuente del Maestre, «costo cevada, un celemín et medio a cada bestia, que valie el celemín a maravedi, que monta 16 maravedis et medio» (ib., p. 25), ração de onze montadas.

⁴⁷ Diz o documento: «Remenbrança sia que Per Alvarez de Rada et Gil Garcia de Yaniz fueron en Estella lunes 23 días andados del mes de mayo pora yr al Rey de Castiella, por mandaderia del senyor yfant, et levarian 10 hombres de mulas et una açemila et 6 hombres de pie et 10 moços» (ib., p. 9).

⁴⁸ Eis algumas dessas distâncias: entre Realejo e Fuente del Maestre, passando por Fuente de Cantos, 71 quilómetros; de Fuente del Maestre

sendo estas despesas muito superiores a metade do total, condicionaram todas as outras ⁵⁶.

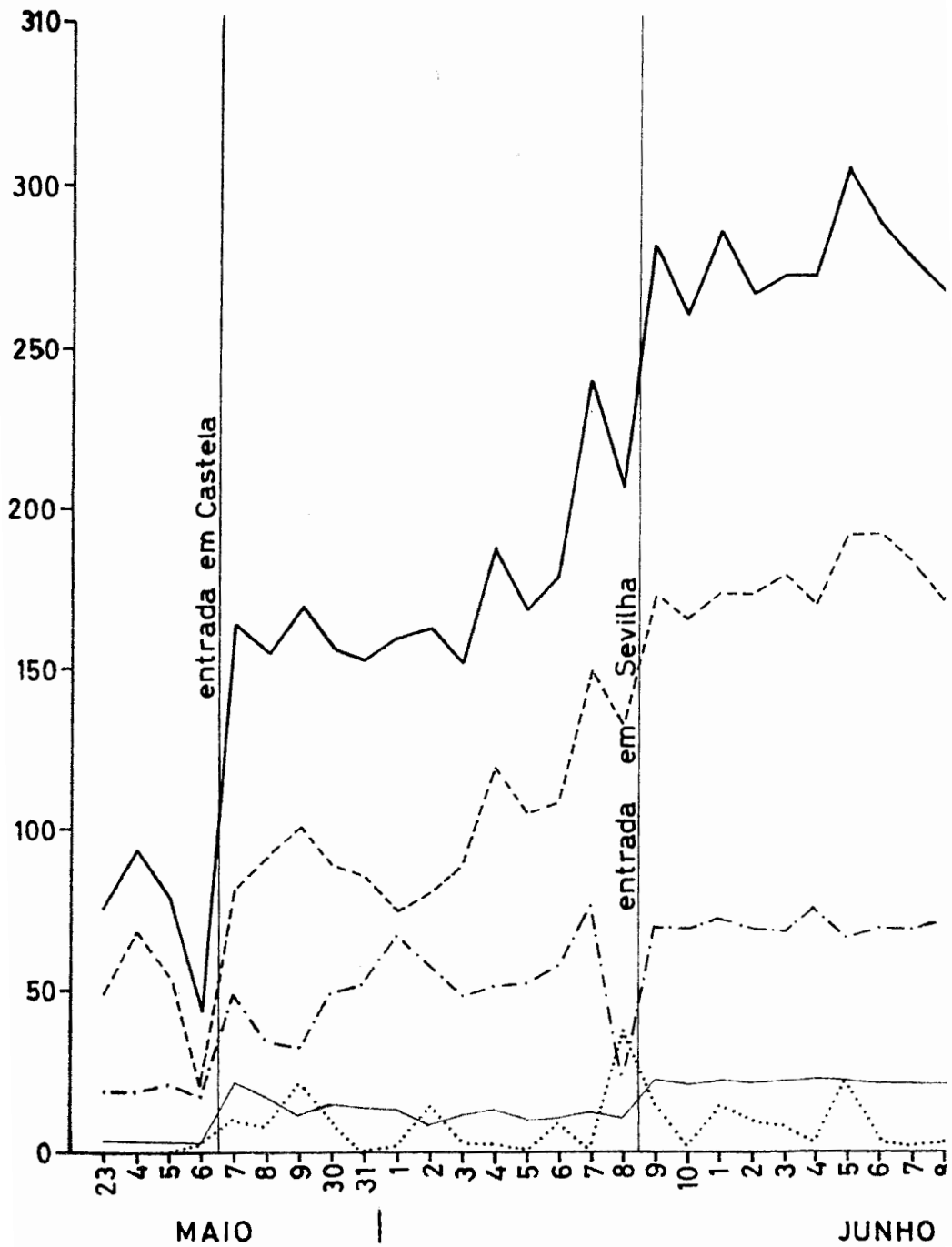
TOTAL DAS DESPESAS (%)



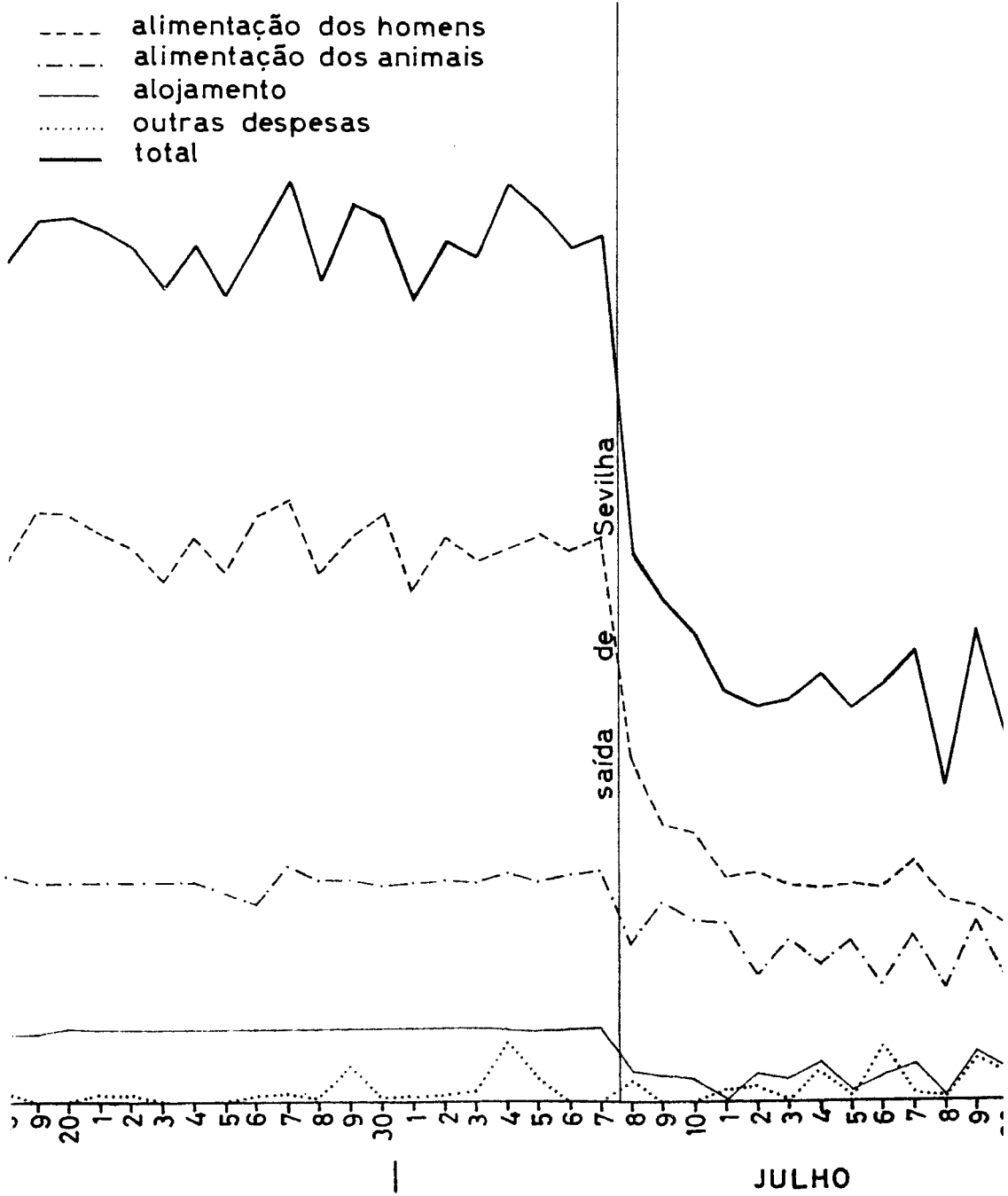
Na Navarra tudo se pagava mais barato, produtos e serviços, ocasionando a entrada em Castela uma imediata subida de preços, subida que continuou a acentuar-se com a chegada a Sevilha. De tal modo que de uma despesa média diária de perto

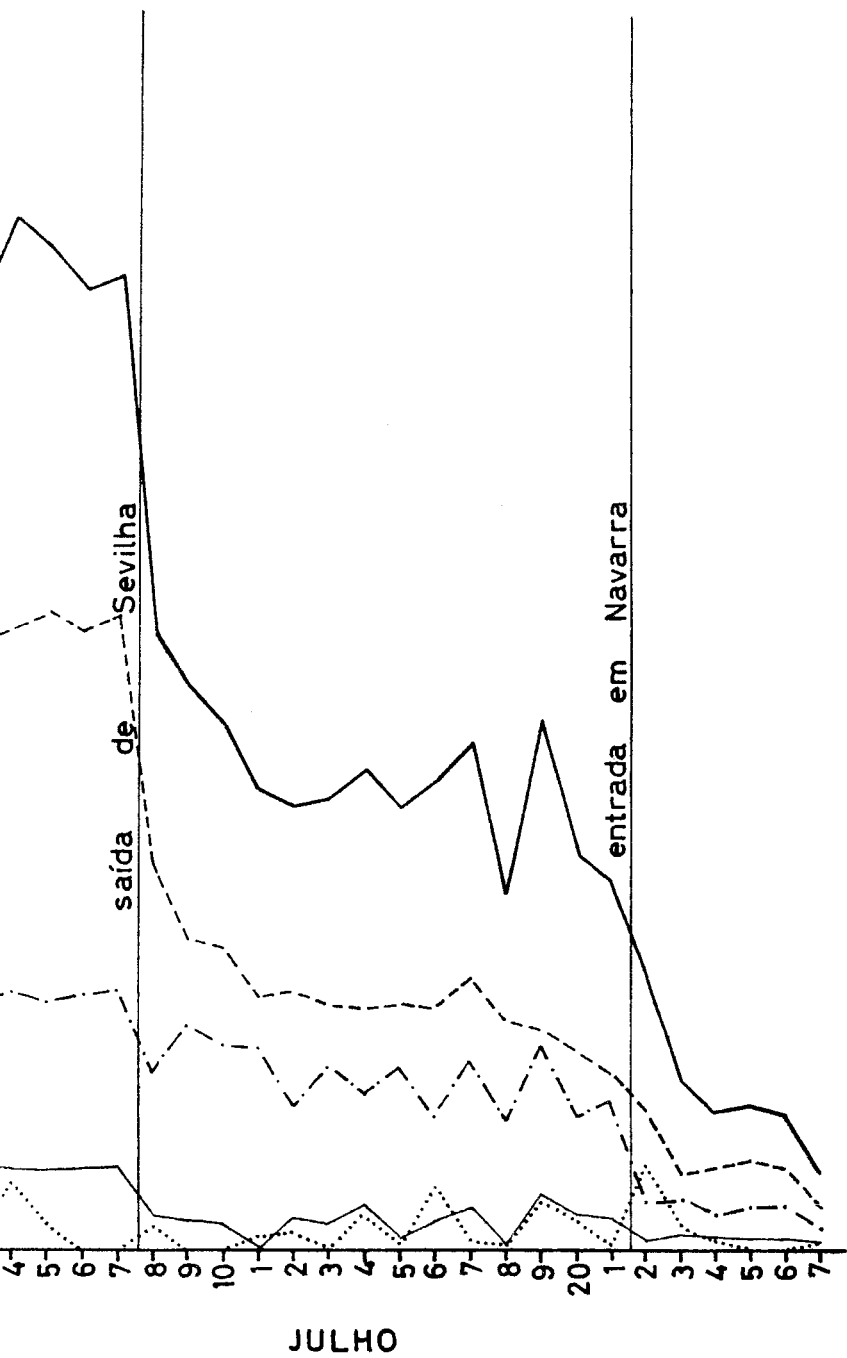
⁵⁶ Vid. os gráficos respectivos.

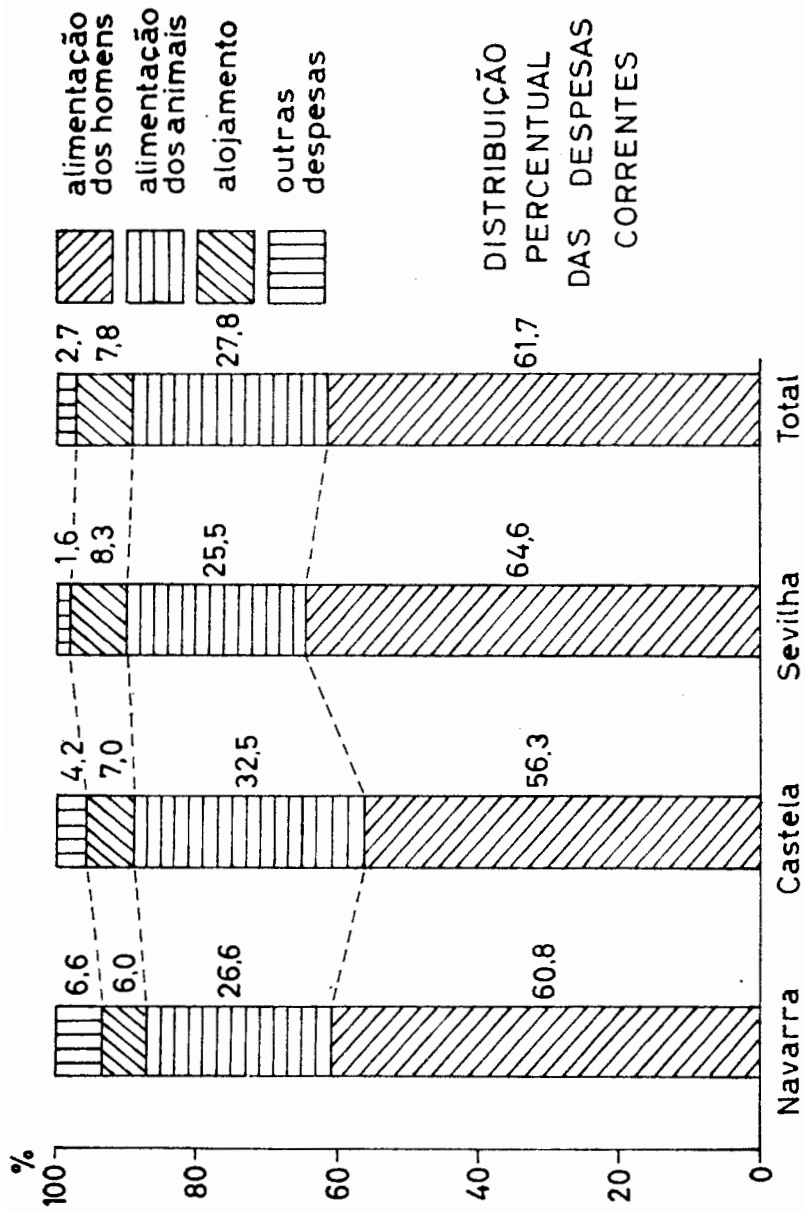
Maravedis



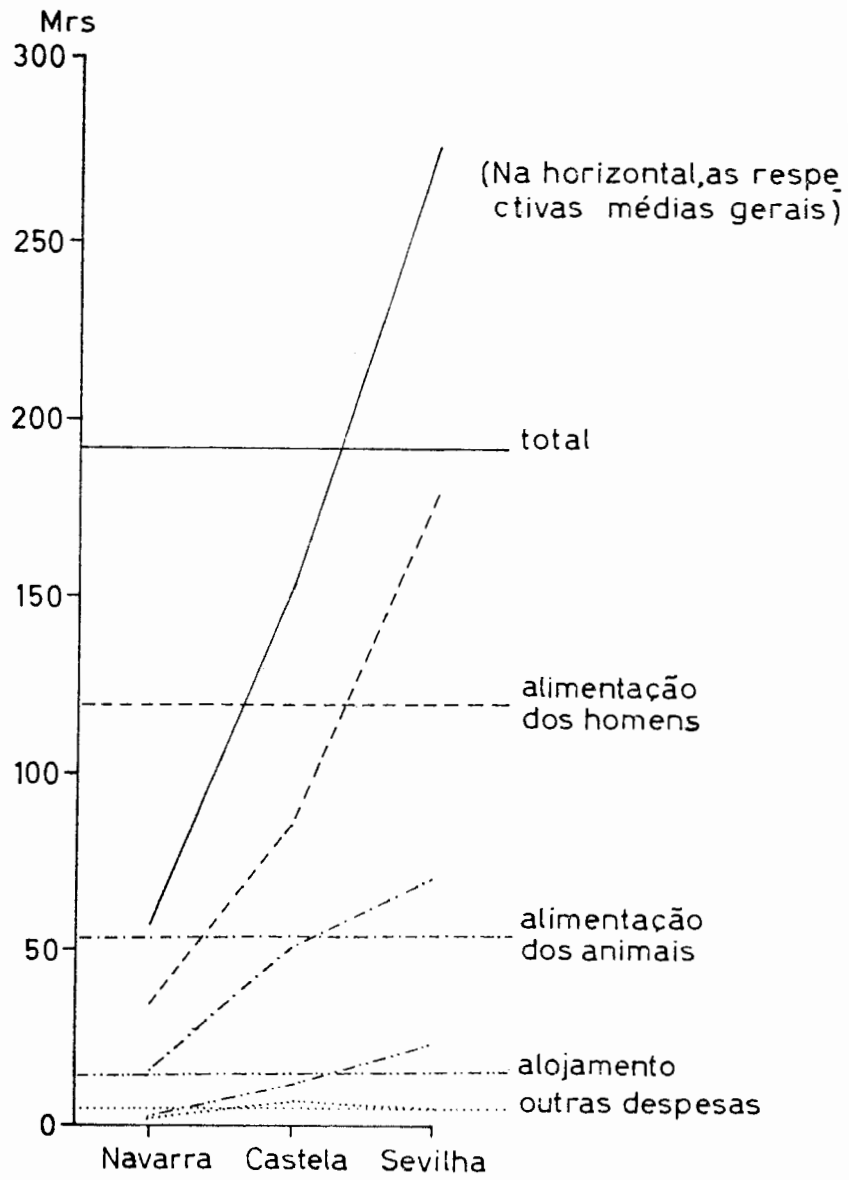
DESPESAS DIÁRIAS







MÉDIAS DIÁRIAS DAS DESPESAS CORRENTES



de 56 maravedis ⁵⁷ em Navarra se passou para 153 durante a deslocação através do território castelhano e para 276 na cidade.

É certo que durante os últimos dias de viagem as despesas se reduziram bastante porque uma parte da embaixada ficou em Los Arcos, com Gil Garcia, talvez ainda doente ⁵⁸, enquanto os restantes, com Pedro Álvarez de Rada, seguiram para Estella e daí para Pamplona. Mas este facto não invalida as grandes diferenças encontradas.

Tais diferenças foram ocasionadas por todas as categorias de produtos, mantendo-se as proporções entre eles bastante equilibradas ⁵⁹. Do mesmo modo as respectivas médias, que sempre e só em Sevilha foram superiores à média geral ⁶⁰.

Se as despesas com a alimentação foram muito variadas pela quantidade relativamente grande de produtos que englobaram ⁶¹, já não assim as restantes. Com efeito as montadas limitavam-se às habituais rações de cevada e palha, quando os homens tomavam também os seus alimentos e só uma ou outra

⁵⁷ Como já havia feito no artigo anteriormente citado, e uma vez que a maior parte da viagem se realizou em território castelhano e as despesas foram, por isso pagas e anotadas em moeda castelhana, pareceu mais lógico reduzir a moeda navarra a esta última. Aliás, impunha-se a redução de todas as verbas a uma única unidade monetária, para possibilitar a comparação.

⁵⁸ Conta o respectivo termo: «Ítem sabado sigüient 23 dias de julio partio Per Alvarez de Los Arcos et fue a comer a Estella et levava 5 de mulas» (*Deste Estella a Sevilla*, p. 82).

⁵⁹ Vid. o gráfico correspondente.

⁶⁰ Apenas aquelas a que chamei despesas miúdas, portanto as que ficam à margem dos três grandes grupos que estabeleci é que foram, em Sevilha, inferiores à média geral: quatro maravedis e quatro dinheiros contra cinco maravedis e dois dinheiros, com seis maravedis e meio durante as deslocações por terras castelhanas. Como não cavalgavam tanto e por isso as mulas não precisavam de ser tantas vezes ferradas e como os gastos com o ferrador não estavam longe de metade, daí o seu mais baixo valor.

⁶¹ Mais uma vez remeto para o artigo citado na nota 51.

vez aparece mencionada a compra de erva ⁶². Quanto ao alojamento, de melhor ou pior qualidade, era necessariamente semelhante em todo o lado, porque em todo o lado as solicitações eram as mesmas: camas, luz, lume, para os homens; estábulo para os animais. Em Sevilha aqueles tiveram, além disso, de pagar também a água ⁶³. Aqui, as despesas de alojamento foram pagas em conjunto, no final da estadia ⁶⁴. Por vezes, há a indicação de uma verba dada à hospedeira, independente dos preços dos serviços prestados ⁶⁵. Uma gratificação que por certo juntavam.

Além destes três grupos de despesas, outros há que convém ainda referir, embora o seu importe em conjunto fosse, em relação ao total, muito baixo — apenas 2,6 %. Mas englobando verbas bastante diversificadas e significativas, será interessante dedicar-lhe um pouco de atenção.

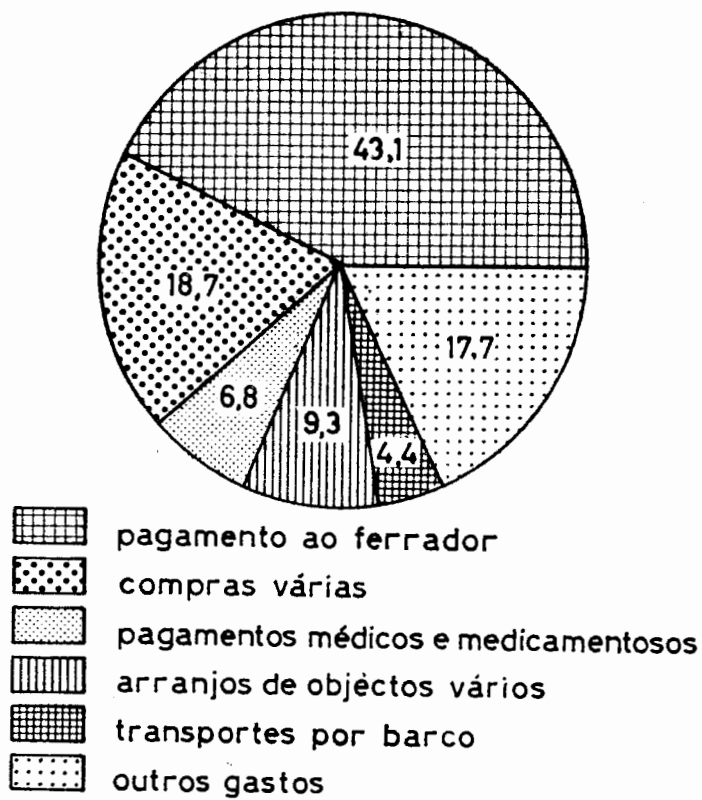
⁶² *Desde Estella a Sevilla*, pp. 21-23.

⁶³ *Ib.*, pp. 32, 35, 37, 41, 42, 43, 45, 47, 49, 50, entre outras.

⁶⁴ No último dia que passaram na cidade anotaram: «Item contamos en esta noche con el senyor de la ropa que nos teniamos, las quales eran 8 camas que nos costavan por dia 20 maravedis et pagamosle de 29 dias que montaron quinientos 80 maravedis» (*ib.*, p. 65).

⁶⁵ Em Najera, além de pagarem a «casa», registaram de «donación a la guespeda un maravedi» (*ib.*, p. 81); em Estella, do mesmo modo, seis dinheiros (*ib.*, p. 83).

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL
DAS DESPESAS MIÚDAS



Numa relação de gastos de viagem, na Idade Média e num tão longo percurso, entre as despesas menores tinham necessariamente de avultar os serviços do ferrador. Em todo o caminho essas verbas foram sendo repetidas vezes anotadas e de tal modo que, embora em Sevilha elas tivessem, como é natural, diminuído, ainda assim abrangem quase metade do dinheiro consumido pelas despesas miúdas — 43,1 %.

Também lhes foi necessário fazer algumas compras e os objectos adquiridos foram bastantes heterogéneos, desde vários cabrestos ⁶⁶, de uma lâmpada e um pichel ⁶⁷, de dois cadeados⁶⁸, de uma taleiga para transportar cevada ⁶⁹, até uma corda ⁷⁰, cravos «pora las ferramentales» ⁷¹ e até por vezes insuspeitados, como um «horinal» ⁷² ou uma «bota» ⁷³. Quando chegaram a Sevilha, por certo prevendo já que a sua estadia iria ser demorada, tiveram mesmo de comprar loiça de cozinha, onde lhes seriam preparadas as refeições ⁷⁴ e algumas escudelas para o serviço da mesa ⁷⁵.

A par dos objectos adquiridos, aqueles que foi preciso consertar: selas ⁷⁶, freios ⁷⁷, esporas ⁷⁸, sapatos ⁷⁹. Mais uma vez, despesas de «transporte».

Em algumas ocasiões homens e animais adoeceram e foi necessário prestar-lhes assistência médica e medicamentosa. O sangrador foi chamado, não só para Gil García de Aniz ⁸⁰,

⁶⁶ Nada menos de oito (ib., pp. 24, 40, 53, 60, 81).

⁶⁷ Ib., p. 13.

⁶⁸ Ib., p. 16.

⁶⁹ Ib., p. 23.

⁷⁰ Ib., p. 59.

⁷¹ Ib., p. 62.

⁷² Ib., p. 35.

⁷³ Ib., p. 23.

⁷⁴ Ib., pp. 32-34. Em Najera, quando regressavam a Navarra, também compraram «huna holla pora cozer agua» (ib., p. 80).

⁷⁵ Ib., p. 34.

⁷⁶ Ib., pp. 16, 21, 40, 62, 63, 72, 75, 83. De todos estes arranjos, nada menos de cinco foram feitos na sela da mula de Pedro Álvarez de Rada.

⁷⁷ Ib., pp. 18, 37, 39.

⁷⁸ Ib., p. 78. Também as esporas de Pedro Álvares.

⁷⁹ Ib., p. 17. Os sapatos de três moços.

⁸⁰ No dia em que jantaram em Valladolid depois de terem aí passado a noite, por causa do doente, foi registada a verba de um maravedi, que «diemos a sangrador que sangro a Gil García» (ib., p. 75).

mas algum tempo antes também para Pedro Álvarez de Rada ⁸¹. A fim de prestar cuidados semelhantes aos animais foi chamado, por mais de uma vez, por certo o ferrador ⁸². Gil García necessitou também de medicamentos, que não foram muito variados: açúcar ⁸³ — e uma vez é especificado — tratar-se de «açúcar candil» ⁸⁴ e água de rosas ⁸⁵. Alguns medicamentos se compraram também para as mulas ⁸⁶.

Foram estas as mais importantes despesas miúdas, embora se lhes possam juntar ainda outras, sobretudo os transportes por barco, em vários rios que foi preciso atravessar por este meio. Sobretudo dispendiosa a travessia do Guadalquivir, à saída de Alcalá del Rio, que importou em seis maravedis ⁸⁷, o dobro de qualquer uma das outras ⁸⁸.

Tendo saído de Estella bem providos de fundos ⁸⁹, chegaram a Pamplona, dois meses depois, com a totalidade ou quase do

⁸¹ Precisamente um mês antes, em Sevilha, quantia igual à anterior foi dada «al que sangro a Per Alvarez» (ib., p. 39).

⁸² Ib., pp. 34 e 61.

⁸³ Num termo se diz mesmo: «açucar para Gil Garcia» (ib., p. 79), noutros simplesmente «çugre» (ib., p. 73).

⁸⁴ Ib., p. 72.

⁸⁵ Ib., p. 38. Talvez para Pedro Álvarez, que foi sangrado no dia seguinte.

⁸⁶ Alguns termos dizem-nos que compraram: «verdesona para la mula» (ib., p. 40), «horpimet para la mula de Juhan Romeu» (ib., p. 37) ou «guevos et horpiment para las bestias» (ib., p. 55). Algumas menções de «miel para la mula» (ib., pp. 34, 41), devem corresponder também a um medicamento.

⁸⁷ Ib., p. 31.

⁸⁸ No regresso de novo passaram de barco o Guadalquivir, agora por três maravedis (ib., p. 66), tanto quanto lhes custou, alguns dias depois, a do Tejo (ib., p. 69), ou algum tempo antes a passagem de uma ponte sobre o rio Tirón à saída de Belorado (ib., p. 15).

⁸⁹ Em variadas moedas, como era habitual na Idade Média: 107 florins, 19 dobras, 624 escudos velhos (ib., pp. 9-10).

dinheiro gasto ⁹⁰. Viagem dispendiosa e por certo infrutífera sob o ponto de vista dos interesses que presidiram à sua realização ⁹¹, mas que nos permitiu o conhecimento de alguns pormenores mais sobre o viver peninsular neste meado do século XIV.

⁹⁰ *Ib.*, p. 86.

⁹¹ *Vid.* nota 20.